

MULHERES, INSULARIDADE VIVENCIAL E O ILHÉU: ANÁLISE DE *MORNAS ERAM AS NOITES*, DE DINA SALÚSTIO

JÉSSICA IUNG¹
ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – je.iung@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior que busca compreender as questões referentes aos aspectos globais e locais nas literaturas africanas de língua portuguesa do período pós-colonial. Esta comunicação tem por objetivo analisar a presença dos aspectos da insularidade que permeiam a escrita dos contos/crônicas do livro *Mornas eram as noites* (1994), de Dina Salústio, escritora cabo-verdiana do período pós-independência. Este trabalho se justifica pela possibilidade de reflexão que a escrita de Dina Salústio propicia sobre as condições sociais do arquipélago e, principalmente, sobre o papel da mulher na sociedade cabo-verdiana.

A insularidade constitui uma vertente representativa das “coordenadas da vivência e cosmovisão típicas do Caboverdiano” (BAPTISTA, 1993, p. 19). No entorno da “acepção geográfica” desenvolveram-se círculos concêntricos de insularidade histórica, social, cultural e vivencial. Expandindo essa característica insular do arquipélago para o contexto da produção literária, nota-se que a insularidade é importantíssima e está presente nos textos literários de Cabo Verde. Essa temática é representada como “expressão de separação, de solidão, de isolamento, de impotência” (GOMES, 2010). Estes sentimentos estão associados aos aspectos geográficos os quais “repercut[em] no modo de vida insular” (GOMES, 2010). Esse isolamento é devido, além dos aspectos geográficos, ao período colonial, pois os portugueses viam nas “outras colônias, Moçambique, Angola e Brasil, mais matéria-prima a ser explorada e mais êxito econômico” (GOMES, 2010).

Para Dina Salústio, “qualquer tentativa de abordar a literatura cabo-verdiana implica entrar, por opção ou descuido, no cenário que moldou e marcou Cabo Verde, e obriga, necessariamente, a penetrar na intimidade das suas mulheres e dos seus homens” (SALÚSTIO, 1998). Os textos literários, na maioria das vezes, tratam do dilema conhecido pela expressão do “querer bipartido”, ou seja, querer ir quando se deseja ficar, “mas também de ficar e ver a precariedade do território quando se deseja ir” (GOMES, 2010).

Os contos/crônicas de *Mornas eram as noites*, de Dina Salústio, não “dramatizam mais a condição da insularidade, o eterno drama do ilhéu entre o partir e o ficar, que marcou toda a formação da literatura caboverdiana” (SALGADO, 2008), mas investem no núcleo de uma insularidade vivencial, que faz emergir conflitos humanos transformados em novas modalidades de representação da subjetividade e de registro de outras vozes do imaginário das ilhas. Segundo Gomes, os contos/crônicas são “situações surpreendentes, de sensações, de informações, de acontecimentos imprevistos [os quais] envolve[m] o leitor, convocando-o a um enfoque diverso para situações sociais e existenciais cristalizadas ou estagnadas” (GOMES, 2012). A maioria dos contos/crônicas dão voz a mulheres que estão envolvidas em diferentes contextos sociais como, por

exemplo: “a doença, a pobreza, a violência, os preconceitos, mas também flagrantes que enfocam os espaços domésticos e as suas relações entre familiares, amigos e conhecidos”(GOMES, 2010). Assim, em relatos marcados por um extremo compromisso entre o narrador e o mundo circundante, emergem dados, principalmente, sobre a condição feminina. Porém, Dina Salústio tem a sensibilidade de relatar a condição masculina, as relações entre classes e tipos sociais, além da presença do mar e da formação das ilhas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa fará uso do método comparativo, nomeadamente o do vínculo entre estrutura social e texto literário. O procedimento utilizado é o bibliográfico, requerendo o estudo de contos/crônicas selecionados, confrontando-os com obras teóricas pertinentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra em um estágio inicial. Até o momento, foram feitos levantamentos bibliográficos e leituras de poemas. A partir das leituras teóricas, tem-se aplicadas em um corpus específico. Este corpus é composto por contos da escritora africana Dina Salústio. Os contos analisados são os seguintes: “Liberdade adiada”, “Forçadamente mãe” e “Traição do tempo”. Os resultados obtidos serão apresentados a seguir.

Na sociedade cabo-verdiana, a mulher é difusora “da cultura, das tradições, além da responsabilidade sobre a economia familiar, devido ao intenso fluxo de emigração masculina” (GOMES, 2010). O conto/crônica “Liberdade adiada” narra o drama e angústia vivencial de uma mulher que carrega água. Essa mulher

sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse peito, lhe rasgasse a blusa (SALÚSTIO, 1999).

A mulher não suporta mais o trabalho árduo, a tristeza e a dureza que a vida lhe proporciona. Em busca de mudança, a mulher pensa que a única solução para achar a liberdade da sua vida sofrida é a morte. Por isso, ela decidiu que

Não voltaria para a casa. O barranco a olhava-a, a boca aberta, num sorriso irresistível convidando-a para o encontro final. [...] Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás, nunca perdeu nada. Nunca teve nada a perder (SALÚSTIO, 1999).

Mas no momento de sua liberdade, a mulher lembra-se dos filhos, lembra-se de quanto os amava e resolve retornar para a sua casa junto aos filhos. A narrativa termina com uma conversa entre a narradora e a mulher que carregava água. Como pode-se perceber no seguinte trecho:

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta do meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais (SALÚSTIO, 1999).

Neste conto/crônica, percebe-se a vida seca, mesmo envolvida pela água. A ilha e a vida insular cabo-verdiana se apresentam unidas em relação ao sentimento de angústia e de isolamento. A impotência de modificar a realidade árdua, a impossibilidade de partir para novos lugares, nova vivência. Esses são simples, mas que se tornam difíceis ao povo que vive no arquipélago. Assim, tornando-os “flagelos pela insularidade e esquecidos por ela” (SALÚSTIO, 1999). O desejo de ter uma vida nova traz o inquietante drama vivencial do ilhéu que o de querer partir, mas precisando ficar, o dilema do “bipartido” que faz “aparecer de uma fissura indesejada, a da consciência da ansiedade, a emergência da instabilidade que rouba a paz a um viver que em si continha, submerso e insuspeito, o fermento da intranquilidade” (BAPTISTA, 2007). Entretanto, essa ambivalência não está mais associada apenas à tristeza. Agora, ela tem a sensação de expectativa, de novos destinos e novas vidas, como fica expresso no último parágrafo. Dessa forma, “fazendo emergir outras vozes, que apontem caminhos e situações não exploradas no imaginário cabo-verdiano” (SALGADO, 2008).

No conto/crônica “Forçadamente mãe” é narrada a história de uma jovem que está grávida e que, forçadamente, teve a felicidade e os sonhos interrompidos. Nessa narrativa, Salústio da voz as meninas que foram vítimas daqueles que “perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites” (SALUSTIO, 1999). Isso se percebe no seguinte trecho:

Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos contos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que pe dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha. [...] Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas o rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o resto de menina que ainda existe. [...] E chora às escondidas. [...] E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezasseis anos é a última que coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçadamente mãe (SALÚSTIO, 1999).

Novamente, tem-se a presença do mar. A menina ficará seca, como a falta de chuva deixa o arquipélago seco, assim, tornando a vida seca. A menina chora às escondidas e sozinha. Mas esse mar que ocasiona a tristeza, também traz alegria e esperança. Como fica marcada no início do conto, quando a menina juntava conchinhas e sonhos na praia. Assim, o ser e a ilha se entrelaçam no mesmo drama que são representados pelo sentimento de solidão.

Por fim, o conto/crônica “Traição do tempo”, retrata a problemática referente à falta de chuva. Por questões geográficas, o cabo-verdiano sofre com grandes secas as quais provocam “situações de carências graves, a fome, as doenças, a morte, a miséria total. São secas, o flagelo terrível e relativamente frequente que atinge mesmo o cerne físico e moral do homem” (BAPTISTA, 1993). Isso pode ser verificado no seguinte trecho:

Não sei se pescado no discurso oficial, se por conta própria, a verdade é que a jornalista disse que ao longo da reportagem que os problemas de São Nicolau e, quiçá, os problemas de Cabo Verde só se resolverão com a chuva. [...] Somo um país seco, seca garantida (SALÚSTIO, 1999).

O pânico da seca torna, durante esse período, “as ruas, os espaços, o tempo, tornam-se violentos, agressivos. E o crioulo com eles”. Devido às fronteiras

marítimas que causam o sentimento insular e a impossibilidade de partida para um outro lugar, o narrador tem como consolo o sonho:

Afasto-me e, no engano do sonho que me ensinaram a sonhar, vejo uma rua, uma aldeia, uma ilha, todas as ilhas regadas, verdes de chuva clara, com gargalhadas de chuva na boca dos meninos, com risos de chuva nos olhos dos homens, com perfume de chuva nos corpos as mulheres. Tudo fica calmo. Depois, recuso a acordar, temendo enfrentar a cidade seca, as gentes secas, os amores secos (SALÚSTIO, 1999).

Outro ponto que é importante na vivência insular é a imaginação como fuga das tristezas. Segundo Salústio, é um “recurso do escritor para se vingar dela [insularidade], que ousou marcá-lo, roubando-lhe, inclusivamente, os pedaços abertos e reais que o proporcionam outras vidas, outros meios, outros estilos” (SALÚSTIO, 1998). Assim, o sonho acalma o pânico da vida seca.

4. CONCLUSÕES

Por estar em fase inicial, as inovações não foram totalmente exploradas. Entretanto, até o momento, a análise empreendida permite compreender como o aspecto insularidade vivencial e cultural se constitui na escrita de Dina Salústio. Nota-se que, apesar dos contos/ crônicas serem permeados por um “sentimento de isolamento, de injustiça, de solidão” (SALGADO, 2008, p. 37), esses também transmitem ao leitor sentimento de “liberdade e solidariedade” (SALGADO, 2008, p. 38). Dessa maneira, manifesta-se uma nova forma de representação da subjetividade e das relações sociais. Assim, pode-se apontar que o aspecto insularidade, o qual “revela-se como uma força avassaladora no universo caboverdiano que envolve a condição do escritor-ilhéu” (SALGADO, 2008, p. 37), apresenta-se de forma marcante na escrita de Dina Salústio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Maria Luísa. **Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes**. Porto: Afrontamento, 1993. 186 p.
- _____. 1. ed (e-book). Porto Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2007. 2007 p.
- GOMES, Simone Caputo. O conto de Dina Salústio: um marco na literatura caboverdiana. **Forma Breve**, Aveiro, nº 9, p. 265-284, 2012. Disponível em: . Acesso em: 28 mai. 2016.
- GOMES, Letícia Nunes. **Memória e Loucura: o moimento da insularidade em A louca de serrano**, de Dina Salústio, 2010, 94 f. Dissertação (Mestrado em História e Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.
- SALGADO, Maria Teresa. Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade de diálogo. **ABRIL- Revista do Núcleo Estudos de Literatura Portuguesa e Africana**, Niterói, vol.1, nº 1, p. 36-40, agosto, 2008. Disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/276>. Acesso em: 30 mai. 2016.
- SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Lisboa: Instituto Camões, 1999. 91 p.
- _____. Insularidade na literatura Cabo-Verdiana. In: VEIGA, Manoel. **Cabo Verde: Insularidade e Literatura**. França: Karthala, 1998. 256 p.